

A POÉTICA DE AMEDEO MODIGLIANI O ANJO DE OLHAR GRAVE

The Poetics of Amedeo Modigliani - The Melancholy Angel

ELZA AJZENBERG

Professora Titular da Escola de Comunicações e Artes – ECA/USP. Pertence ao quadro de docentes/pesquisadores da ECA/USP há 20 anos. Coordenadora do Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes – ECA/USP. Ex-Diretora do Museu de Arte Contemporânea MAC/USP

Artist who lived only 36 years, in which part of them coincided with the difficult years of World War I. The exhibition organized by Restelini allows appreciation to the contributions of Modigliani in the present day, and monitor the dense messages of the experiences of this artist. The searches undertaken by Modigliani graze his concerns, as well as the seriousness of the social-economic point of the moment of ferment aesthetic debates. Today, through the Modigliani exhibition: The Melancholy Angel, the public has the opportunity to follow the artist's experiences and inquire about the events in context or even ponder over the most emergent issues of art of the century to come.

In his works are evidence of intense reflection and tenderness for the less fortunate. The choice of themes and templates demonstrates these concerns. Thus, appear in his works: the daughter of the woman in charge of the building, weak children and beautiful girls of the people

Catedral de Notre Dame de Paris (Foto: JEH).



O artista viveu apenas 36 anos, sendo que parte deles coincidiram com os difíceis anos da I Guerra Mundial. A exposição organizada por Restelini permite aquilatar as contribuições de Modigliani para os dias atuais, bem como acompanhar a densa mensagem das vivências desse artista. As buscas empreendidas por Modigliani tangenciam ao mesmo tempo as suas inquietações; a gravidade econômico-social de seu momento de efervescência de debates estéticos.

Filho de um banqueiro judeu pouco afortunado, Modigliani nasceu em Livorno/Itália em 1884, recebeu lições de arte em sua própria cidade natal, sob a orientação de Guglielmo Micheli, discípulo do pintor macchiaioli Giovanni Fattori,

desenvolvendo estudos de retratos, paisagens, nus e naturezas-mortas. Porém, foi a mãe quem estimulou a vocação do artista. Bem jovem foi enviado às academias de Florença e Veneza. Nesse período, iniciou cursos de história da arte, dedicando-se ao estudo dos pré-rafaelistas e à leitura de Baudelaire, D'Annunzio e Lautréamont – desse último autor adquiriu a concepção de que o artista é um ser excluído da sociedade por sua independência criativa e pela constante busca de auto-realização.

Em 1902, inscreveu-se na Academia de Belas Artes de Florença, onde adquiriu conhecimentos sobre macchiaioli, a pintura impressionista italiana. Um ano depois, frequentou a Scuola Libera Del Nudo em Veneza. Encontrou o artista Ortiz de Zárate com o qual descobriu as grandes tendências européias da arte.

Chegou a Paris em 1906. De bela aparência, mas já sofrendo de tuberculose, tornou-se bem depressa um dos

mais turbulentos entre os artistas de Montmatre, onde morou durante seis anos. Procurou tomar parte de calorosos debates estéticos, ao mesmo tempo em que mudava sem cessar de domicílio. Em 1907, expôs no Salão de Outono em Paris. No ano seguinte, expôs diversas obras no Salon des Indépendents na sala dos pintores Fauves.

Em 1909, teve por vizinho o escultor Brancusi, do qual se tornou amigo. Essa amizade motivou a vontade de trabalhar a pedra. Realiza várias obras que, todavia, ficaram inacabadas. O contato com o escultor propiciou uma alteração do trabalho volumétrico que se tornou mais simples, sob a influência das formas arcaicas dos ídolos e das máscaras africanas. Essa experiência foi decisiva em sua carreira.

Quando chegou a Paris a sua técnica revelava desdobramentos do Pontilhismo. Depois recebeu forte influência de Cézanne, por ocasião da grande retrospectiva de Bernheim, em 1910. A admiração de Modigliani pelas formas simples e expressivas da escultura, especialmente, a primitiva, definiu nova etapa de seus desenhos e pinturas, no começo da I Guerra. De 1914 em diante, concentrou-se no desenho e na pintura, realizando vários retratos de pintores, escritores e intelectuais presentes em Paris. Essa fase foi marcada por formas lineares e o alongamento das figuras. O modelado absorvido por Modigliani colocou linha e cor em equilíbrio, simplificando os contornos das figuras.

Ao deixar Montmatre, passou a freqüentar Montparnasse, onde a sua vivência tornou-se cada vez mais inquietada, envolvida com a embriaguez. Vendia por preços insignificantes desenhos admiráveis. Era visto no terraço da Rotunda ou da Catedral, desenhando com traço agudo e rápido retratos que oferecia descuidadamente aos seus modelos ocasionais, em troca de um copo de bebida.

Trabalhou no ateliê de Kisling à rua Joseph-Bara. Conheceu vários artistas que procuravam como ele as “lições da École” de Paris. Aproximou-se de Soutine e Lipchitz e Pascin, entre outros. Vagueou de café em café. A poetisa inglesa Beatriz Hastings sustentou-o durante algum tempo. Zborowski recolheu-o depois, privou-se do necessário para que o protegido pintasse retratos e os nus que mais tarde museus e colecionadores disputariam.

Casou-se com Jeanne Hebriterne e da união nasceu um filho. O que de modo algum foi sinônimo de tranqüilidade. Consumido por drogas e pela febre, faleceu em 25 de janeiro de 1920, murmurando: “cara, cara Itália”. No dia do funeral, organizado por André Salmon e Kisling, a mulher suicidou-se. No final da vida, foi auxiliado pelos negociantes Zborowski e Paul Guillaume, mas somente após a morte a sua pintura foi mais reconhecida.

Hoje, através da mostra Modigliani: o anjo de olhar grave, o público tem a oportunidade de acompanhar vivências do artista e indagar sobre os acontecimentos de seu contexto ou mesmo meditar sobre as questões mais emergentes da Arte do século que se inicia.

Em suas obras estão em evidência a reflexão intensa e ternura pelos menos favorecidos. A escolha de temas e modelos demonstra essas preocupações. Desse modo, surgem em suas obras: a filha da encarregada do prédio, crianças fracas, belas moças do povo. Acompanha essas obras o poder do traço primitivo, especialmente a Arte Africana, presente também em vários momentos das vanguardas do início do século passado. Tampouco escapam as suas procuras, os ganhos e a expressividade dos traços orientais, como são exemplificados no retrato de Diogo Rivera, do MASP, presente na mostra do Museu Luxemburgo.

A figura foi sempre a preocupação central de Modigliani. Pintou especialmente retratos e nus femininos. Nos seus últimos trabalhos, principalmente nos nus, o fator dominante é contorno alongado. A grandiosidade que deles emerge chega a lembrar Botticelli. Fiel à tradição toscana, foi antes de tudo, “linear”. Expressiu-se na linha flexível e melódica; por vezes frágil ou seca, elegante até atingir a preciosidade.

Modigliani não ignorava as buscas de Picasso e de Braque. Porém, se recusou a tomar parte do Cubismo. Se o exemplo dos cubistas foi indiferente às questões, tais como atmosféricas, caminhou, entretanto, em uma vertente própria. Procurou distorções de formas, alongamentos, cânones arbitrários que constituem o que se denominou de seu “expressionismo”. Em seus cânones surgem: cabeças ovais e inclinadas, nariz delgado ao extremo; olhos de amêndoas e vazios, a boca estreita e contraída. O seu estilo próprio marca ainda ombros caídos; pescoço de cisne e braços que não acabam. Os membros são quase sempre franzinos. As linhas concorrem com um acabamento sinuoso, às vezes, em arabescos com forte influência de Matisse.

Amedeo Modigliani deixou um estilo que se basta a si mesmo e atua profundamente sobre o espectador. Comunicou através de sua obra intelectualismo ansioso e grave, peculiar aos artistas judeus. Trouxe ao século XX um novo “estremecimento”, através de sua arte e essencialmente subjetiva, frágil e distante.

São Paulo, abril de 2011

ALGUMAS PUBLICAÇÕES:

Rebolo (livro). São Paulo - MWM-IEK, 1988

Comunicações e Artes em Tempo de Mudanças (livro) São Paulo. ECA/USP-SESC, 1991.

Arte e Ciência: Mito e Razão(Série Schenberg, 12) - (org), São Paulo: Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes - ECA/USP, 2001.

Operários na Paulista, São Paulo: MAC USP, 2002